

28 OUT 2000

JORNAL DO BRASIL

Ser ou não ser candidato

WILSON FIGUEIREDO

Em corrida de automóveis, quando um piloto apressado arranca antes dos outros, ele sofre punição: fica 10 segundos de castigo no box. Na corrida de cavalos, se um dispara antes do sinal, a operação é interrompida e o animal é reconduzido ao partidor (*starting gate*). O rigor é para garantir a igualdade de oportunidade. A corrida presidencial começa quando alguém dispara por conta própria.

A política imita o português que estava no cais, cheio de parentes e compatriotas, mas saltou ao mar para socorrer um garoto que caíra por peraltice. Saudado com efusão, o herói continuou de maus bofes. Estava interessado apenas em descobrir quem foi o estafermo que o havia empurrado.

A hora é, sem favor, dos candidatos. Ainda não chegou a vez das candidaturas, que pedem mais rigor. Ser ou não candidato é opção individual, mas candidatura é responsabilidade de partido. Há candidatos com luz própria, à espera da ocasião. O exemplo mais apropriado é o presidente Fernando Henrique, em quem Itamar Franco botou o olho clínico e aconselhou providenciar a candidatura. A oposição, no entanto, insiste em afirmar que a escolha resultou de complô neoliberal. Exagero. Quem viu mais longe parece ter sido mesmo Itamar Franco, quando exercia a presidência com o desapego que o consagrou.

Por oportunidade em política não se entendem apenas os dados favoráveis à eleição. Ministro, secretário de estado, dirigente de grande empresa estatal dependem também dela. A ocasião faz a nomeação. O figurão preexiste, apenas não davam nada por ele. O candidato importa tanto quanto as circunstâncias, embora elas gostem de se fazer lembradas. É bom não esque-

cer candidato para vencer e candidato para perder. A candidatura em qualquer caso é sempre momento de glória pessoal. Ao tipo narcisista basta a candidatura: a hipótese de vencer e ter de governar é secundária. Por último, os escolhidos para perder, quando vencem, não sabem como resolver a dificuldade.

Na sucessão presidencial (e nas formas aparentadas com ela), prazos legais destinam-se a garantir a igualdade para impedir que as desigualdades dos candidatos possam abalar o princípio sagrado. A liberdade é o preço da igualdade na utilização do rádio e da televisão na campanha eleitoral. Salvam-se as aparências com a proibição do anonimato das doações, a prestação de contas das despesas e a comprovação das contribuições. A desigualdade começa na entrada e acaba na saída de recursos que os olhos do contribuinte e da lei não vêem.

Ninguém pode gastar mais do que arrecada, sem apresentar explicação, mas há quem gaste menos e comprove com documentos: é o grande negócio. Documentação, arranja-se. Ninguém denuncia ninguém. Fica o não dito pelo dito porque a democracia tem instinto de galinha choca.

A sucessão para 2002 começou meio frouxa com Luís Inácio Lula da Silva anunciando prospecção à esquerda, que se entende na língua geral mas se desentende com os dialetos que a dividem. Mais que uma questão de conteúdo é matéria de prosódia. Mais difícil ainda que encontrar candidato único é segurar a unidade depois de chegar ao poder, quando as razões deixam de ser teóricas e se tornam eminentemente práticas.

A construção do socialismo tem muito a ver com o precedente registrado na edificação da Torre de Babel. Maldição? Não. Baixa consciência política. A confusão de línguas liquidou o projeto bíblico. Os dialetos

da divergência desaceleraram o Brasil. Quando uma tendência chega ao poder, tudo daí por diante a separa das outras. Está aí o PT, que não deixa peteca cair: mesmo sem unidade, elege mais prefeitos e governadores a cada eleição, mas uma vez no governo explode de divergência latente.

Brizola acerta os ponteiros com Itamar Franco e o convida de público a filiar-se ao PDT (e, obviamente, investir-se na candidatura – se couber – com a devida antecedência). Num recado subliminar, Brizola abdica do direito à precedência, sem necessidade de ser muito claro e podendo voltar atrás. Lula não é mais aquela andorinha que não sustenta o verão, mas pode fazer dueto com Itamar Franco. Brizola não faz mais que cortesia a Itamar Franco, sem endereço eleitoral desde que saiu do PMDB. Não quer distância entre ele e Lula.

Vão dizer que Brizola também é candidato. A precedência que oferece a Itamar é dele, e dela pode dispor como quiser. Antes de haver eleição direta Brizola já era candidato por conta própria. Pode ser candidato quando bem entender. Entendeu agora de deferir a Itamar a honra. Ulisses Guimarães teve precedência mas não percebeu a oportunidade. Recusou a oferta indireta para salvar a direta. Quando quis, já era tarde. Mudou o eleitorado, não o candidato.

A esquerda retoma a sua folgada identidade plural com o velho hábito: cada candidato, uma facção. Perfeito, do ponto de vista democrático, mas improdutivo eleitoralmente falando. A direita opera no anonimato, e sem obrigação de fidelidade a teorias. Não confunde a cabeça do eleitor com a gravidez das candidaturas. Enquanto a esquerda pensa, fala e se movimenta para 2002, a direita é toda ouvidos para captar o que a sociedade vai querer ouvir na sucessão.